

## CUIDADORES FAMILIARES: UMA CATEGORIA EM EXTINÇÃO?

Maria do Livramento Neves Silva\*  
Keila Queiroz e Silva\*\*  
Edienne Rosângela Sarmento Diniz\*\*\*  
Fabiola de Araujo Leite Medeiros\*\*\*\*  
Fabiana Ferraz Queiroga Freitas\*\*\*\*\*

### RESUMO

O lugar do cuidador familiar é relacionado ao universo feminino e à feminilização do cuidado como uma evidência histórica que expressa às mutações sociais sobre a função da família desde a antiguidade até os recentes dias. A nossa experiência interdisciplinar junto ao Programa Interdisciplinar de Apoio à Terceira Idade-PIATI na Universidade Federal de Campina Grande-PB nos colocou em contato com a seguinte questão, os cuidadores familiares são uma categoria em extinção? Por meio da metodologia da história oral<sup>(1)</sup> realizamos uma pesquisa em domicílios de famílias populares, identificamos uma ausência de cuidadores familiares adultos e diagnosticamos situações de co-cuidado e co-educação entre os frágeis, ou seja, as crianças e os idosos. A nossa frieza existencial nos engessou tanto que nos fragilizou emocionalmente, essas pessoas são obrigadas diariamente a reconhecer a sua dependência e fragilidade e nós somos condicionados a negá-las diariamente, só assim funcionamos com competência e maestria na vida pública.

**Palavras-chave:** Cuidador Familiar. Direitos humanos. Gênero.

### INTRODUÇÃO

Esse artigo se refere a uma reflexão sobre os cuidadores familiares, contextualizando alguns dilemas vivenciados na atualidade que geram preocupação entre os profissionais de saúde. A nossa experiência interdisciplinar junto ao Programa Interdisciplinar de Apoio à Terceira Idade-PIATI na Universidade Federal de Campina Grande-PB, desde 2009, nos colocou em contato com a seguinte questão, os cuidadores familiares<sup>(2)</sup> são uma categoria em extinção?

As impressões que trazemos das visitas domiciliares em bairros populares da cidade de Campina Grande-PB, durante o estágio do curso de Cuidadores, configuram um cenário que envolve situações de violência intrafamiliar contra os idosos frágeis que precisam de cuidadores e que vivem situações de abuso, negligência e desprezo de seus familiares, assim como as crianças. É muito comum nestas comunidades encontrarmos situações de co-cuidado e co-educação<sup>(3)</sup> entre os frágeis, ou seja, as crianças e os idosos, vítimas do desprezo

e abandono dos jovens e adultos se socorrem como a única tábua de salvação recíproca.

Em meio a este caos encontram-se os infantes nos quais a família e o amor dos pais devem despertar a noção de identidade de forma que estes desenvolvam uma consciência moral<sup>(4)</sup>. Nesse sentido, as referências para o comportamento virtuoso são dadas pelas expectativas e experiências vivenciadas junto à família, no entanto, o cuidar por parte desta encontra-se em condições adversas, com seus membros preocupados em atenderem as necessidades do capitalismo, que por sua vez não está interessado em atender as reais súplicas humanas.

As nossas reflexões a respeito do destino dos infantes e suas relações na família inserem-se numa configuração pós-moderna de lar, com um grande número de famílias monoparentais geridas por mulheres sobrecarregadas e preocupadas com o sustento deste, restando apenas um tempo mínimo para interação com seus filhos, e estes passam a desenvolverem-se muitas vezes interagindo através de relacionamentos virtuais. O lar deixou de ser um lócus de intimidade e partilha entre as gerações,

\*Enfermeira. Mestre em Enfermagem. Hospital da Polícia Militar General Edson Ramalho. E-mail: marialivramentons@gmail.com

\*\*Doutora em Sociologia. Docente do Programa de Pós-graduação em História (UFCG). E-mail: keilaqs@hotmail.com

\*\*\*Enfermeira. Mestre em Enfermagem. Hospital Infantil Arlinda Marques. E-mail: enesarmento@hotmail.com

\*\*\*\*Enfermeira. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem (UEPB). Docente do Departamento de Enfermagem da UEPB. E-mail: profabiola@bol.com

\*\*\*\*\*Enfermeira. Mestre. Docente da Faculdade de Enfermagem e Medicina Nova Esperança. E-mail: fabianafq@hotmail.com

e a experiência do convívio familiar limitou-se a meros encontros rápidos típicos do cotidiano doméstico atual. Da genitora é cobrada socialmente visibilidade e emancipação, e a figura doméstica torna-se repugnante, a ponto de o cuidar tornar-se motivo de empecilho e ocultamento para figura feminina<sup>(5)</sup>.

A mulher contemporânea conceituada como “indeterminada” que consciente de suas possibilidades, busca ser reconhecida enquanto mãe e profissional<sup>(6)</sup>, vive inserida nesse complexo arranjo do universo feminino, onde os modelos de famílias refletem suas mutações. O advento da modernidade sugere olhares distintos e muitas vezes divergentes sobre sua função social na família, o que leva a crer que esta se encontra em risco de implosão frente aos ideais do novo ser social criado aos moldes da sociedade moderna.

Atualmente os infantes crescem imersos em um denso paradoxo de valores da contemporaneidade, nos quais as mutações identitárias relacionadas à maternidade e ao feminino têm provocado fendas irreparáveis nos lugares de gênero em todos os contextos sociais, tornando a vida familiar uma intrincada rede de relações, na qual a mãe/mulher pública foi hipersexualizada pela chamada revolução sexual, transformando as relações intergênero, de forma que nenhuma teoria da Psicologia Moderna consegue decifrar<sup>(6)</sup>.

O lugar do cuidador é simbolicamente relacionado ao universo feminino e a feminilização do cuidado é uma evidência histórica. Os estudos feministas apontam que o ser mulher vive na dimensão do cuidar, e que muitas estão na vida pública apenas geograficamente. A enfermeira, por exemplo, estende suas habilidades enquanto profissional na esfera pública, as de cuidadoras, construídas culturalmente através de ensinamentos geracionais. Outra profissão que vivencia esse mesmo dilema no Brasil e é também predominantemente assumida por mulheres, é a de professora, o que nos faz compreender como é determinante a questão de gênero na emancipação feminina<sup>(7)</sup>.

Essa dependência implícita subjetivamente da mulher no campo profissional nos faz lembrar o que a filósofa francesa e defensora dos direitos

das mulheres afirmou em sua obra “o segundo sexo”:

(...) a mulher sempre foi, senão a escrava do homem, ao menos sua vassala; os dois sexos nunca partilharam o mundo em igualdade de condições; e ainda hoje, embora sua autonomia esteja aumentando, a mulher arca com um pesado handicap. Em quase nenhum país seu estatuto legal é idêntico ao do homem e muitas vezes este último a prejudica consideravelmente. Mesmo quando os direitos lhe são abstratamente reconhecidos, um longo hábito impede que encontrem nos costumes sua expressão correta<sup>(8:14)</sup>.

Esse histórico de desigualdade e injustiça social é preponderante na atualidade, ao modo que observamos que em pleno século XXI a desqualificação das profissões que exigem o cuidar é socialmente visível.

A obra “Por uma ética do Cuidado” nos proporciona fundamentos teóricos e empíricos valiosos para a reflexão sobre essa cultura de descuido que tem predominado nas sociedades capitalistas “pós-modernas”, ressaltando a negligência com a vida e sua fragilidade como o ponto nodal da nossa grave crise civilizatória<sup>(9)</sup>. Acreditamos como mães/mulheres e profissionais universitárias que a publicização das mulheres de família, a banalização da violência, a clivagem narcísica resultante do individualismo e da competição desenfreada entre as pessoas, bem como a fragilidade dos laços conjugais desestabilizando as configurações familiares têm gerado nas esferas públicas e privadas uma convivência insustentável e uma absoluta negação da fragilidade das relações familiares<sup>(10)</sup>. Estamos absolutamente imersos em um modelo de sociedade paradoxal e ambivalente, que dá vida e ao mesmo tempo mata todas as experiências humanas.

Corpos invisíveis, intocáveis e descuidados, os corpos de crianças, idosos e doentes crônicos, por serem corpos que clamam por cuidado e atenção permanente e integral! Quem se dispõe a assumir o lugar de cuidador na família? Em sua maioria aqueles que são considerados “os fracassados sociais”, as mulheres do lar, mais velhas, as empregadas domésticas, as mulheres que ficaram para “títia” ou as crianças que já são vítimas de exploração do trabalho. O desprestígio social do cuidador, a idealização da

vida pública, a necessidade do trabalho intenso por parte de todos os membros da família de forma a assegurar o sustento, a sociedade de consumo que tem levado às pessoas a expandirem sua jornada de trabalho para se inserirem no mercado consumidor, bem como a crise dos laços humanos e a indiferença com relação ao “outro” são diagnósticos que têm intensificado o estado de invisibilidade e de descuido das crianças, dos idosos dependentes e dos doentes crônicos no seio das famílias que já não mais representam ninhos, mas ameaça à integridade física, psíquica e emocional desses seres humanos potencialmente frágeis e solitários<sup>(6)</sup>.

As ações em redes interdisciplinares e interinstitucionais são imprescindíveis para denunciar esse estado de desumanidade e descuido generalizado e para desenvolver ações propositivas e políticas públicas que afirmem os direitos humanos através da ética do cuidado, do apoio aos que ficam em casa, porque sem casa não é possível pensar a sobrevivência das famílias. Se todos os familiares constroem as suas identidades pautadas no paradigma do trabalho, do individualismo e da sociedade de consumo, os vínculos afetivos não serão construídos<sup>(6)</sup>. A arte de estar junto e a vivência de uma experiência coletiva entre os pares familiares é condição *sine qua non* para a concretização de um processo civilizatório. Se estivermos nos tornando incapazes de conviver no núcleo social mais micro, que é a família, como sobreviverá à sociedade? Como seremos relacionais?

As crianças, os idosos e os doentes crônicos ávidos de amor, cuidado e relação estão nos porões da nossa sociedade utilitarista, consumista e produtivista, mas ao mesmo tempo eles representam a nossa salvação no mundo dos humanos, ao cobrarem de nós o cuidado, eles estão nos convidando a recuperar a nossa própria humanidade. Em tempos de descuido e banalização, todos aqueles que nos conectam com a nossa memória afetiva, com a nossa própria corporalidade e alteridade, são os guardiões da vida. Os corpos que lutam pela sobrevivência, como essa mãe que esqueceu o filho no carro, porque estava imersa e enredada no mundo do trabalho, no tempo dos relógios e da coisificação de si, estão transbordando

desumanidade, destrutividade e auto-destrutividade. Para os estudiosos das Ciências Humanas, críticos desse modelo de sociedade instrumental, a nossa redenção está nesses corpos que vivem no tempo lento, no tempo de tecer relações, no tempo das narrativas, no tempo do cuidado de si e do cuidado com o outro, no tempo da desafiante arte de estar juntos<sup>(11,12)</sup>.

Nossos corpos descarnados e desalmados “pós-modernos” precisam muito mais dos corpos considerados frágeis e dependentes, quais sejam: os idosos, as crianças e os doentes crônicos, do que o contrário. Antes de sermos uma categoria em extinção como cuidadores familiares, todos nós, pessoas ativas e públicas, estamos nos tornando espécie em extinção como humanos, quanto mais trabalhamos, corremos e consumimos, mais nos desumanizamos, enquanto isso, os que ficam em casa fortalecem a sua humanidade porque conhecem as suas emoções e necessidades<sup>(6)</sup>.

Alguns autores defendem como saída para esse processo civilizatório predatório, a feminização da humanidade<sup>(13)</sup>, afirmando ainda que as feridas humanas sejam frutos do descuido, da indiferença e da banalização da vida que podem ser curadas a partir da recuperação de um inconsciente coletivo preservador da vida, dando passagem em nosso cotidiano ao potencial criativo da alma feminina. A nossa herança patriarcal, autoritária, competitiva e agressiva não deve ser reproduzida pelas mulheres que assumem a vida pública, muitas mulheres ditas emancipadas assumiram uma subjetividade fálica em seu dia a dia, se masculinizaram negando todo o seu legado do mundo privado, o mundo da partilha, da solidariedade e do cuidado<sup>(14)</sup>. Dessa forma, o ingresso veloz das mulheres no mercado de trabalho não deve representar a vitória do capitalismo e dos paradigmas masculinos competitivos, mas o anúncio de um diálogo entre os valores do mundo doméstico e os valores do mundo público<sup>(13)</sup>. Com isso, acredita-se que as mulheres do terceiro milênio reconciliadas com sua alma feminina podem quantitativa e qualitativamente transformar esse estado predatório em um processo criativo coletivo<sup>(14)</sup>.

O nosso mundo descuidado tem fome de uma ética do cuidado de si e do outro, a nossa

sustentabilidade existencial e relacional depende do resgate da nossa humanidade/feminilidade. Conforme levantamento estatístico da Curadoria da Infância e Juventude e da Curadoria da Cidadania na Paraíba, dos casos de violência denunciadas, sejam estes contra crianças e adolescentes ou contra idosos, a grande maioria parte dos seus próprios familiares. Que sociedade é essa que tem fabricado um alto índice de inimigos íntimos? Que famílias são essas que não criam vínculos e se odeiam e se destroem como animais ferozes? Que mães e pais são esses que não se identificam mais com a posição de cuidadores de seus filhos e até os violentam? Que filhos e netos são esses que destroem quem lhe deu o próprio chão existencial, material e afetivo? Que mundo é esse que nós não temos mais a sensação alentadora e nutritiva de chegarmos em casa, uma vez que os ninhos se tornaram rinks? A Lei Maria da Penha nos convida a recuperar a humanidade e uma cultura de cuidado nas nossas casas quando reconceitualiza família, para além da perspectiva capitalista patrimonial. O critério delimitador das fronteiras entre o público e o privado, entre a casa e a rua, a partir desta Lei é absolutamente afetivo, não mais institucional, não mais patriarcal<sup>(15)</sup>. É muito paradoxal, no mesmo cenário que os laços familiares estão em frangalhos, o conceito de família está fundamentado nos laços afetivos, em um vínculo que está agonizando e prestes a morrer.

O estudo “famílias avoternais”<sup>(6)</sup> mostrou o determinante papel social de mulheres idosas neste cenário de abandono dos filhos em camadas populares, respondendo a grande questão levantada neste artigo, os cuidadores familiares não são uma categoria em extinção quando se tratam de mulheres idosas assumindo o lugar de cuidadoras, e quando estas precisam ser cuidadas, e não podem pagar um profissional, os netos revezam a posição de cuidadores com elas. Vale ressaltar que isso não é um diagnóstico exclusivo das classes populares<sup>(6)</sup>. Este deu visibilidade a corpos invisíveis cuidadores de crianças, netos e bisnetos e concluiu que:

Onde não acontece nada, mas acontece tudo, no cotidiano doméstico das avós cuidadoras, dos netos moradores de bairros populares da Paraíba,

muitos fios moleculares revolucionários são tecidos diariamente e silenciosamente. Os avós são figuras familiares deste século, são novos (velhos) sujeitos da hipermodernidade inventados nas tramas geracionais entre a vida pública e a vida privada. Os corpos enrugados cuidadores têm ancorado as novas gerações em um *domus*. Têm sido os tradicionais guardiões do sentimento de pertença a uma família. As mulheres enrugadas que eu entrevistei em seus domicílios, são afirmadoras da feminização e da gerontificação do cuidado, do status de filho e da funcionalidade da vida pública e privada, com todas as suas ambiguidades<sup>(6:169)</sup>.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observa-se nas situações em tela, que as condições socioeconômicas e a falta de apoio social influenciam diretamente nos comportamentos dos membros dentro da família e na sociedade. Quando não trabalhados, os conflitos vivenciados pela mãe e mulher pública podem influenciar de forma negativa em seu lugar de cuidadora na família.

Assim é indispensável que as políticas de assistência social, sejam construídas a partir da análise dos comportamentos das famílias contemporâneas, enfocando as necessidades de cada núcleo familiar, a fim de que esses guardiões feminilizados e gerontificados do cuidado tenham suas crenças e valores compreendidos de forma que a funcionalidade da vida pública e privada, não torne ambíguo o significado do cuidar no seio da família. Neste sentido, nós mulheres e profissionais universitárias, envolvidas no processo de cuidar, devemos assumir uma postura ética, que fundamente práticas de cuidado que se entrelace com a humanização e a sensibilidade, a fim de tornar o lugar do cuidador, socialmente visível.

Enfatiza-se ainda, a inserção do apoio interdisciplinar e multidisciplinar associado ao desenvolvimento de políticas públicas que afirmem os direitos humanos e da mulher, como estratégias que contribuam de maneira efetiva para evitar comportamentos que exacerbem sentimentos de insegurança familiar na sociedade contemporânea.

## FAMILY CAREGIVERS: AN ENDANGERED CLASS?

### ABSTRACT

The position of the family caregiver is symbolically related to the female universe and the feminization of caregiving as historical evidence that expresses the social mutations regarding the function of family since ancient times. Our interdisciplinary experience with the Interdisciplinary Program of Support for Elderly-PIATI at the Federal University of Campina Grande-PB placed us in contact with the following question: Are the family caregivers an endangered class? Through the oral history methodology a research in the home of low income families was carried out. An absence of adult family caregiver was observed and cases of co-care and co-education among vulnerable individuals, that is, children and elderly were diagnosed. Our existential coldness has plastered us, therefore, made us emotionally weak. Those individuals are every day forced to acknowledge their dependence and fragility, what we are conditioned to continuously deny in order to work with competence and mastery in public life.

**Keywords:** Family Caregiver. Human Rights. Gender.

## CUIDADORES FAMILIARES: UNA CATEGORÍA EN EXTINCIÓN?

### RESUMEN

El lugar de los cuidadores familiares se relaciona con lo femenino y la feminización de la atención como una evidencia histórica que explicita los cambios sociales en relación a la función de la familia desde la antigüedad hasta los días de hoy. Nuestra experiencia interdisciplinaria con el Programa Interdisciplinario de Apoyo a las Personas Mayores-PIATI, de la Universidad Federal de Campina Grande-PB, nos puso en contacto con la pregunta, los cuidadores familiares son una categoría en peligro de extinción? A través de la metodología de la historia oral<sup>1</sup>, se realizó una encuesta en hogares de familias populares, se ha identificado una falta de cuidadores familiares adultos y se ha diagnosticado situaciones de co-cuidado y de co-educación entre los vulnerables, es decir, los niños y los ancianos. Nuestra frigididad existencial nos ha enyesado a tal punto que nos ha fragilizado emocionalmente, estas personas se ven obligadas a reconocer cada día su dependencia y fragilidad y nosotros estamos condicionados a negarles todos los días, sólo así funcionamos con competencia y maestría en la vida pública.

**Palabras clave:** Cuidador Familiar. Los derechos Humanos. Género.

## REFERÊNCIAS

1. Bosi E. O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social. São Paulo: atheliê editorial; 2003.
2. Karsch UM. Idosos dependentes: famílias e cuidadores. Cad. Saúde Pública. 2003 mai-jun; 19(3):861-866.
3. Oliveira PS. Vidas compartilhadas: Cultura e relações intergeracionais na vida cotidiana. 2. ed. São Paulo: Cortez; 2011.
4. Barros JN, Rocha MMS; Mulher, mãe e profissional: uma breve discussão sobre o Reflexo dessas escolhas no modo de ser mulher [internet]. Centro Universitário do Leste de Minas Gerais [data desconhecida]; [acesso em 2011 jun 9]. Disponível em: <http://www.unilestemg.br/kaleidoscopio/artigos/volume2>.
5. Lipovetsky g. A Terceira Mulher: Permanência e revolução do feminino. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras; 2007.
6. Silva KQ. Os corpos enrugados e meus "outros" espelhos etários. [Tese de doutorado]. João Pessoa (PB): Programa de Pós-Graduação em Sociologia/UFPB; 2008.
7. Monteiro AM. Direitos do professor como profissional [internet]. Belo horizonte: Centro de Referência Virtual do Professor [data desconhecida]; [acesso em 2011 jun 15]; [aproximadamente 4 p]. Disponível em: [http://crv.educacao.mg.gov.br/sistema\\_crv/index.asp?id\\_pr ojeto=27&ID\\_OBJETO=31838&tipo=ob&cp=000000&cb](http://crv.educacao.mg.gov.br/sistema_crv/index.asp?id_pr ojeto=27&ID_OBJETO=31838&tipo=ob&cp=000000&cb)
8. Beauvoir S. O segundo sexo. Trad. de Sérgio Millier. São Paulo: Difusão Européia do Livro; 1970, p.14.
9. Maia MS. Por uma ética do cuidado. Rio de Janeiro: Garamond; 2009.
10. Bueno ALM, Lopes MJM. A morbidade por causas externas em uma região do município de Porto alegre/RS. Cienc Cuid Saude. [periódico na internet]. 2008 Jul/Set [acesso em: 27 jun 2011]; 7(3): 279-287. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/CiencCuidSaude/arti cle/view/6479/3852>.
11. Benjamin W. Magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense; 1996.
12. Santos M. A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção São Paulo: Hustec, 2000.
13. Muraro RM. A mulher no terceiro milênio. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; 1992.
14. Esthês CP. Mulheres que correm com os lobos. Rio de Janeiro: Rocco; 1994.
15. Brasil. Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006. Lei Maria da Penha. [Internet]. Brasília: Presidência da República [2006 ago 7]; [acesso em 2011 jun 15]; [aproximadamente 4 telas]. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm).

---

**Endereço para correspondência:** Edienne Rosângela Sarmento Diniz. Av. João Câncio da Silva, 910. CEP 58000000. Manaíra, João Pessoa, Paraíba.

**Data de recebimento:** 03/11/2011

**Data de aprovação:** 16/01/2013